

A problematização das identidades no contexto pós-colonial português em *As naus*, de Lobo Antunes

Ana Paula Silva¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo estudar como o romance *As naus*, de António Lobo Antunes, por meio da paródia e da ironia, se apropria do texto épico, bem como de figuras históricas das grandes navegações portuguesas, e assim problematiza a identidade portuguesa no contexto pós-colonial.

Palavras-chave: Lobo Antunes; Identidade; Pós-colonialismo.

O romance *As naus*, de António Lobo Antunes re-apresenta, sob o crivo da paródia, os heróis da gesta das conquistas ultramarinas, aqueles consagrados pelo discurso histórico e aqueles aclamados no discurso literário, em especial no poema *Os Lusíadas*. Personagens como Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, D. Manuel e Camões, dentre outros, no romance de Lobo Antunes, são ex-navegadores e ex-colonos que retornam da África, fracassados, e vagam por “Lixboa”. Esses personagens, que no discurso épico eram heróis, tornam-se, no discurso romanescos, personagens problemáticos, indivíduos que não encontram seu lugar no tempo e espaço presentes. Desse modo, a viagem de volta à terra torna-se mais difícil que a aventura marítima, visto que a primeira se desdobra numa viagem de retorno a si mesmo. Enquanto, em *Os Lusíadas*, a viagem corrobora o espírito épico como elemento constitutivo da identidade cultural portuguesa, num movimento em direção ao exterior, ao mar, em *As naus*, a viagem de retorno à pátria, num movimento contrário, em direção ao interior, à terra, questiona as conquistas do herói épico português e o sentido da viagem. Para isso, o romance se apropria da gesta da expansão territorial e questiona a identidade cultural portuguesa enquanto identidade fixa, problematizando a construção dessa identidade face ao contexto pós-colonial nos espaços da colônia e do “reyno”.

¹ Mestranda em Letras na Universidade Federal de Viçosa.

Para Stuart Hall, o conceito de identidade implica a noção de deslocamento. O autor assim apresenta o conceito de identidade: “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (Hall, 1987 apud HALL, 2005, p. 13). Para Hall, as identificações estão em constante deslocamento, uma vez que são definidas historicamente e não biologicamente. Portanto, a identidade é construída mediante a participação como sujeito no espaço que se ocupa. Uma vez que o sujeito pode ocupar diferentes espaços ao longo da história, sua identidade é continuamente reconstruída, de acordo com cada nova experiência, cada nova posição no espaço.

Também Homi K. Bhabha destaca essa noção de deslocamento e redefinição de identidades no contexto das migrações pós-coloniais:

(...) a demografia do novo internacionalismo é a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas e aborígenes, as poéticas do exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos (BHABHA, 1998, p. 24).

Não só a identidade daqueles que se deslocam entre países diferentes é reconstruída, mas também a própria noção de identidade como conceito fixo é preciso ser repensada diante da nova ordem da demografia internacional. Assim, todos são atingidos por esse hibridismo cultural e essa necessidade de consideração das diferenças no contato com o outro.

No caso português, o deslocamento espacial e o contato com novas culturas se fez presente desde sua formação, com a alteração constante do espaço ocupado no mundo e a dominação de outros povos sob a justificativa da expansão do império e da fé católica: primeiro, com acentuada expansão, como a Reconquista do território aos mouros, mais tarde com os domínios na África e América; depois, as perdas, com a independência do território brasileiro e as independências das últimas colônias africanas. Também a posição ocupada em relação à Europa se alterou bastante, de país pioneiro da navegação, rico império e metrópole com enormes territórios sob seu domínio, para a situação de país de fraco desenvolvimento em relação aos demais da Europa, marginalizado no continente. Entretanto, a despeito da decadência do sistema colonial, os territórios ajuntados ao pequeno reino garantiram-lhe a dimensão utópica de grande território. Segundo Lourenço, as colônias eram vistas como espaços compensatórios: “O Brasil, como a Índia durante uma época, como a África no final, acrescentavam-se, na imaginação do português cultivado (e por contágio nos outros), ao pequeno país para lhe dar uma dimensão mágica e através dela se constituírem como espaços compensatórios” (LOURENÇO, 2000, p. 45). Os territórios colonizados foram integrados ao

projeto utópico imperial, e seus habitantes nunca foram considerados como portugueses de fato, mas povos colonizados, que deveriam ser submetidos ao poder da Coroa portuguesa.

Em *As naus*, essa identidade portuguesa imperial é problematizada a partir dos espaços das colônias africanas, “Loanda” e Angola, e do “reyno”, Portugal, em especial “Lixboa”. Os grandes navegadores que retornam a “Lixboa” tentam reconstruir sua identidade portuguesa, mas não são mais os “heróis” épicos, são agora apenas “retornados”. Álvaro Cardoso Gomes os define como “consciências que perambulam num cenário que lhes é hostil, tentando compreender-se e, ao mesmo tempo, compreender os outros” (GOMES, 1993, p. 54). Essa hostilidade pode ser verificada no desembarque de Pedro Álvares Cabral, no aeroporto. O personagem não é reconhecido pelo atendente, que o interroga: “Pedro Álvares de quê?” (ANTUNES, 2000, p. 14). E quando perguntado sobre a existência de parentes em Portugal, o ex-colono se põe a imaginar a reprovação da família:

Este é o que foi para Loanda morar no meio dos pretos em lugar de explorar uma tabacaria na Venezuela ou um escritório de transportes na Alemanha, este é o que montou um comércio de talhante nos musseques, vendia costelas aos cafres, fez um filho a uma mulata (...) (ANTUNES, 2000, p. 14).

O fato de não ser reconhecido rasura sua identidade portuguesa de herói das conquistas ultramarinas. Assim, em *As naus*, Pedro Álvares não se identifica com os valores de um herói épico, mas com as problematizações do personagem romanesco, em busca de respostas sobre si mesmo e tentando compreender-se na família e na nação, onde é ignorado.

Os espaços da colônia e do “reyno” são apresentados na voz de Pedro Álvares Cabral, em sobreposição de lembranças. Quando ele chega em “Lixboa”, fugindo da guerra em Angola, e busca as poucas lembranças que tem da família, essa memória remota da infância traz-lhe o “aroma” da guerra colonial nos últimos meses em Angola, sobrepondo-se, dessa maneira, no plano da memória, os dois espaços, “Lixboa”, no passado, e Angola, no presente:

Lembro-me dos invernos com uma sementeira de alguidares e panelas no soalho (...), e, mais recuada no tempo, da madrinha de meu pai a coser peúgas (...) E esta memória remota trouxe-lhe de súbito ao nariz o aroma de bosta de vaca dos derradeiros meses, desde que a telefonia anunciou a independência de Angola (...) (ANTUNES, 2000, p. 15).

Observa-se que a “Lixboa” que se descreve na memória de Pedro Álvares Cabral não tem a imagem luxuosa como faria crer a condição imperial de Portugal e o domínio de tão vasto território: a casa com goteiras, a mãe a coser peúgas, enfim, nada da grandiosidade imperial.

Outro herói que busca reencontrar no presente o espaço que guardara na memória durante sua estada na África é Vasco da Gama. Ele chega a “Vila Franca de Xira” para se empregar “no comércio de solas”. Sua participação no romance é marcada pela saudade da terra natal:

Quando Vasco da Gama chegou de caminhoneta a Vila Franca de Xira, (...) a fim de se empregar no comércio das solas, encontrou, em lugar das árvores e das casas e das ruas de que à noite se lembrava em África com a meticulosa precisão da saudade, uma terra de que sobrava o gume dos telhados e o pagode do coreto, submergida pela imensa extensão de água parada do Tejo (...) (ANTUNES, 2000, p. 111).

Como os outros retornados, Gama se espanta ao verificar a decadência do país, principalmente por ter chegado num momento em que as águas paradas do Tejo inundavam a cidade. Às memórias da infância na cidade, se juntam as lembranças da navegação: “E lembrou-se de quando o chamaram ao paço, lhe entregaram uma frota e o mandaram à Índia (...)” (ANTUNES, 2000, p. 113). Entre as lembranças saudosas estão as lamentações dos erros, dos “relatórios mentirosos” que lhe foram entregues para auxiliá-lo na viagem. As lamentações dos infortúnios da navegação em direção às Índias entrecortam a narração da espera de que as águas do Tejo lhe voltassem ao leito:

(...) lembrou-se do povo, aí, do povo, a acenar bandeirinhas verdes e encarnadas, da velha que me atirou uma benção angulosa de profeta ao bolinarem já para as correntes da barra, mas teve de esperar trinta e um dias na sua pedra do cabeço, a jogar contra si próprio numa infinidade de erros calculados e manobras dilatórias, sem lograr nunca vencer ou ser vencido, até o Tejo regressar ao seu leito e Vila Franca surgir inteira da lama, dos corpos à deriva e das amoreiras quebradas (...) (ANTUNES, 2000, p. 113).

Nessa espera, já em Vila Franca, Vasco da Gama menciona erros de cálculos e manobras que são facilmente relacionados à navegação para as Índias. Antes, já se recordara de visões de mau agouro: como a imagem dos corvos e a “benção angulosa de profeta”. Essas imagens negativas parecem ser entendidas nesse momento por Vasco da Gama, numa avaliação que ele faz de sua vida e das navegações portuguesas, ao se deparar com a destruição de Vila Franca. Portanto, é a imagem presente que o transporta ao passado, e essa revisitação do passado trás à tona também o problema dos “retornados” das colônias. Enquanto Vila Franca surge inteira da lama, com corpos a deriva, o país também se depara, nas ruas de Lisboa, com os retornados da Guerra Colonial, uma guerra da qual a população ainda não se conscientizara. Os horrores da guerra só foram percebidos pela população quando “milhares de retornados invadem de súbito a pacífica e bonacheirona terra lusitana...” (LOURENÇO, 2007, p. 63).

Stuart Hall, discorrendo sobre as alternativas da construção da identidade no mundo pós-moderno, ou, segundo sua nomenclatura, na modernidade tardia, apresenta o conceito de tradução como alternativa de identidade para as pessoas que regressam às suas pátrias nos movimentos de migrações pós-coloniais:

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades (HALL, 2005, p. 88).

Portanto, os migrantes que retornam ao país de origem têm de “negociar” com as culturas dos dois lugares onde viveram, os quais fazem parte de suas histórias, no caso dos ex-colonos de *As naus*, Portugal e África. Assim, os personagens tentam reconstruir uma nova identidade: a de “retornados”. Nessa nova identidade, têm de conciliar as histórias que viveram na África como colonos e as histórias que viveram em Portugal, antes da primeira migração. Eles tentam, em vão, reconhecer o espaço português, mas é “como se arribasse a uma cidade estrangeira a que faltavam, para a reconhecer como sua, os notários e as ambulâncias de dezoito anos antes.” (ANTUNES, 2000, p. 11-12). Os “retornados” então vagam pelas repartições públicas, pelas ruas de Lisboa, pelas pensões e aeroporto, enfim, locais “de passagem”, sem se sentirem “em casa”, ao contrário, sentindo-se como estrangeiros em sua própria terra. Homi K. Bhabha relaciona esse aspecto de “passagem” e as questões de identidade. Segundo o autor, “A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (BHABHA, 1998, p. 21). Nessa nova ordem em que as colônias deixam de ser os espaços dominados por Portugal, os ex-colonos são obrigados a repensar tanto a identidade de colonos na África quanto a identidade de portugueses. Porém, eles devem ter a consciência de que nenhuma das duas prevalecerá, pois a nova migração lhes impõe ainda outra realidade: a de “retornados”, cuja própria denominação já traz em si a idéia de movimento entre os dois espaços.

A impossibilidade de uma identidade localizada é mais nítida no diálogo de um casal de retornados que surge no romance sem nomes nem qualquer referência histórica. O casal não se identifica nem com a África, onde vivem, nem com Portugal, para onde retornam após a notícia da Revolução. Eles parecem não estar motivados com a viagem, embarcam apenas porque receberam o bilhete de “mão beijada”. A mulher insiste sempre no fato de que “Já não pertenço aqui”, e o marido retruca como uma constatação ainda mais decepcionante: “Já não pertencemos nem sequer a nós” e ainda acrescenta a inutilidade da migração para a África,

uma vez que “este país [lhes] comeu (...) as gorduras e a carne sem piedade nem proveito (...)” (ANTUNES, 2000, p. 54). Também para Portugal a colonização da África não trouxe a riqueza esperada, como mostra a situação degradante da cidade de Lisboa apresentada no romance. Assim, o movimento constante de viagem e deslocamento espacial e temporal – numa sobreposição do passado imperial e do presente da Revolução dos Cravos – que se observa no romance é uma tentativa de reconstrução de identidade(s), como indivíduo e como nação.

Ressalta-se, ainda, que os personagens de Lobo Antunes não apenas se movimentaram no espaço, entre colônia e “reyno”, mas também entre papéis sociais. Eles assumiram novas posições hierárquicas: os comandantes de frotas navais no romance são apenas ex-colonos miseráveis e o rei tem sua majestade ridicularizada. Todos eles, agora, vivem marginalizados na cidade de Lisboa, juntamente com os ex-colonos anônimos. Dessa maneira, o romance pós-moderno dá voz ao ex-cêntrico, colocando no mesmo espaço e na mesma posição hierárquica os colonizadores e os colonizados. Elimina-se, desse modo, a noção do “reyno” como centro, pois o “reyno” não é mais o espaço do luxo imperial e dos nobres, é o espaço de todos. Esse espaço onde todos são iguais é entendido por Bakhtin, na teoria da carnavalização, como a praça pública, onde “todos devem participar do contato familiar” (BAKHTIN, 2008, p. 146). Todos, colonos, colonizadores, reis e plebeus, vultos históricos e cidadãos anônimos, heróis e anti-heróis, agora participam dessa nova ordem.

O contexto político-social da obra contribui para essa leitura carnalizada, em que se assumem novas identidades, numa nova ordem social. O principal motivo pelo qual os personagens decidem retornar a Lisboa é notícia que recebem da Revolução, que, como o carnaval, provoca uma nova ordem. O personagem Manuel de Sousa Sepúlveda, quando retorna a Lisboa durante a Revolução, tenta retomar sua casa invadida e ouve dos ocupantes estranhos qual é a nova ordem: “Chegou agora de África, coitado, não vinha cá há séculos, explorava os camaradas pretinhos, julga que a casa é dele. Isto pertence ao povo, amigo, pertence à gloriosa vanguarda do proletariado, foi ocupada revolucionariamente, percebe?” (ANTUNES, 2000, p. 85). Na nova ordem imposta pela Revolução socialista, Manuel de Sousa Sepúlveda deixa de ser um nobre afortunado, vagando pelas ruas sem ter onde morar, até que, posteriormente, se torna o dono de uma rede de casas de prostituição.

LUKÁCS (2000, p. 67) aponta como um traço distintivo entre a epopeia e o romance o fato de que neste o herói é um “indivíduo problemático”, enquanto naquela não se tem como “objeto” um “destino pessoal, mas o de uma comunidade”, num mundo que é determinado por um sistema fechado de valores. Assim, os personagens fracassados e problemáticos de

Lobo Antunes se opõem aos heróis do discurso épico, como Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, D. Manuel, dentre outros. Os heróis de Camões, na aventura da viagem, mantêm fixa sua identidade portuguesa; os personagens da paródia de Lobo Antunes, num discurso romanesco, em vez do épico absoluto, se veem obrigados a uma busca de autoconhecimento, num movimento constante de deslocamento.

Ao final do romance, o aparecimento de D. Sebastião, o rei que personifica o mito épico, será dado como impossibilidade: “(...) o nosso bando de gaivotas em roupão, empoleiradas a tossir nos lemes e nas hélices, aguardando, ao som de uma flauta que as víceras do mar emudeciam, os relinchos de um cavalo impossível.” (ANTUNES, 2000, p. 247).

O romance *As naus*, portanto, se volta para o passado para problematizar essa identidade fixa de povo heróico, colonizador por excelência, emoldurada no discurso épico. Contudo, não se pode apagar esse traço identitário da nação, mas sim problematizá-lo, num contexto em que a ruptura do sistema colonial requer uma releitura do passado. *As naus*, ao aproximar o sonho mítico e os problemas político-sociais do país, inserindo os heróis épicos no contexto social da descolonização, mostra a necessidade de fazer esta nova viagem de que fala Eduardo Lourenço: “(...) para quando a nova viagem para esse desconhecido que somos nós mesmos e Portugal?” (LOURENÇO, 2000, p. 66).

ABSTRACT: This paper has studied the novel *As Naus*, by Atónio Lobo Antunes, aiming to show how this narrative, through parody and irony, appropriates the epic text as well as historic characters of the great Portuguese navigations. The parody and ironic line in which Lobo Antunes presents the epic spirit on the cultural Portuguese identity in the work *As Naus* is verified.

Keywords: Lobo Antunes; Identity; Post-Colonialism

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, António Lobo. *As naus*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p.19-42.

GOMES, Álvaro Cardoso. “Os romancistas contemporâneos.” In: A voz itinerante. São Paulo: Edusp, 1993. p. 53-64.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

LOURENÇO, Eduardo. O labirinto da saudade. Lisboa: Editora Gradiva, 2000.

LUKÁCS, G. Epopéia e romance. In: A teoria do romance. São Paulo: Duas Cidades, 2000.